

Num planeta superlotado, há espaços desperdiçados.

04/05/2011

O potencial da agricultura urbana no Brasil é enorme: além da terra boa e do clima favorável, é fonte de renda para a população carente e uma atividade relaxante e social.

Por Tatiana Achcar,

O mundo tem quase 7 bilhões de pessoas e um pouco mais da metade vive em áreas urbanas. Com 80% da população de todo planeta vivendo em cidades em 2050, quem vai ficar no campo e produzir o nosso alimento? Máquinas, oras! Desmate a vegetação nativa, despeje trilhões de sementes de um único tipo de alface em fileiras a perder de vista. Deixe tudo retilinearmente organizado, asséptico, como caixinhas longa vida na prateleira do supermercado. Coloque fertilizantes e pesticidas químicos, feitos a base de petróleo, para matar toda micro vida e afastar passarinho, abelhas, minhocas, plantas daninhas. Isso se chama monocultura. Em nome da alta produtividade, ela detona o solo, deixa a terra mais pobre que areia de canteiro de obras, suga toda a água da região e, se faltar, toma de fontes naturais vizinhas. O alface é colhido, percorre muitos quilômetros e passa por um monte de atravessadores até chegar na sua casa. Do campo ao prato, o alface perdeu frescor, sabor, vitalidade e ajudou a queimar muito combustível. Batata, laranja, banana, feijão, tomate... ingredientes de uma dieta de baixa qualidade nutricional e muito CO2.

Isso não é normal, mas há soluções. Já ouviu falar em agricultura urbana? É tão antiga quanto o nascimento das cidades, quando todo mundo plantava no quintal de casa e ninguém morria desnutrido ou deprimido. Podia chover cântaros que tinha terra suficiente para absorver a água. Tinha sombra, passarinho, abelha, flores, aroma. Quando dava muita quantidade de um fruto, as pessoas trocavam por outro com o vizinho. As hortas de quintal desapareceram. Mas estão voltando como forma de intervir, de forma ativa, na saúde das pessoas e das cidades e de harmonizar a satisfação de nossas exigências com as possibilidades do planeta. É prático, é saudável, é barato, é bonito.

Nos EUA, a prefeitura de São Francisco, na Califórnia, instalou um imenso jardim comestível bem no centro para combater os efeitos da crise econômica e a obesidade e incentivar a população a cultivar alimentos orgânicos, saborosos e locais e se alimentar melhor. A primeira dama americana Michelle Obama gostou da ideia e instalou uma horta educativa na Casa Branca. Todos os dias, crianças de escolas públicas aprendem a observar os ciclos da natureza.

O potencial da agricultura urbana no Brasil é enorme: além da terra boa e do clima favorável, é fonte de renda para a população carente e uma atividade relaxante e social. Na zona leste de São Paulo, o projeto Cidades Sem Fome espalhou 23 hortas comunitárias que hoje geram renda de 500 a mil reais para quase 700 pessoas que viviam na pobreza. Em Florianópolis, o projeto de compostagem Revolução dos Baldinhos ajuda a diminuir as doenças causadas pelo lixo em um dos bairros mais pobres da cidade ao recolher o lixo orgânico e devolver como adubo para a população. É preciso vencer a especulação imobiliária com iniciativas de agricultura urbana aqui e ali. Elas podem ganhar força e crescer. Sabe aquele terreno

abandonado perto da sua casa ou a caminho do trabalho? Converse com o dono, ele pode topa emprestar a terra para uma horta comunitária. Antes que vire prédio. Ou um lixão.

Fonte: <http://colunistas.yahoo.net/posts/8780.html>